

### Correspondência entre Kracauer e Adorno (1923-1966)

TRADUÇÃO DE JÚLIA BUSSIUS

#### ADORNO PARA KRACAUER: CARTA NÚMERO 9<sup>1</sup>

Viena, 10 de abril de 1925

Meu caro Friedel,

Hoje por fim cheguei a uma carta; depois de algumas semanas muito atribuladas estou de volta às minhas quatro paredes, não vejo ninguém fora os professores, trabalho e estudo a existência. Um piano, velho mas utilizável, fica no meu quarto; a prateleira de livros está lá faz tempo, com muitos Kierkegaard, Lila vai ficar fora por um período indeterminado (no mínimo seis semanas!), e assim é possível viver, se quisermos. Eu estou constantemente triste, solitário, sem entusiasmo tanto no sentido vitoriano<sup>2</sup> como no maldito sentido psicológico imanente, e tenho saudades de você, a quem agora, que seja sempre assim até que haja algum término, estou atado na morte e na vida. A única coisa que me dá suporte é o trabalho, ou mais exatamente o ato de compor, que anda devagar mas segue com seriedade: dois dias atrás ficaram prontas as variações para um quarteto de cordas, hoje uma pequena peça para orquestra (a primeira de um ciclo)<sup>3</sup>, para a qual preciso apenas de dois dias: para o meu temperamento, muito depressa. Também o principal, o grande trio<sup>4</sup> tem progredido: espero encerrar a primeira frase na próxima semana, entretanto fiquei três meses escrevendo sobre ela e ainda preciso mudar muita coisa. Eu sei que você é avesso a todas as crenças nos atos criativos e já evita tão vaga menção como “alguém ter no trabalho seu suporte”; mas o suporte também é significativo e eu não posso evitar acostumar-me à melancolia diante da vida incompleta.

Agora, sobre a vida incompleta: eu conheci duas pessoas notáveis, Schönberg e a senhora Mahler. Schönberg numa apresentação fechada de música de câmara do quarteto Kolisch (Kolisch agora é cunhado de Schönberg, o irmão de sua segunda esposa<sup>5</sup>). Berg levou-me para lá e apresentou-me com seu modo amável e caloroso; Schönberg, à menção de meu nome, logo recordou-se que eu havia lhe enviado algo uma vez (pequena peça para quarteto<sup>6</sup>); e então

[\*] As notas que se seguem pertencem à edição original: Adorno, Theodor W. e Kracauer, Siegfried. Briefwechsel — “Der Riss der Welt geht auch durch mich” — 1923-1966. In: Adorno. *Briefe und Briefwechsel* — Herausgegeben vom Theodor W. Adorno Archiv — Band 7. Frankfurt/M.: Suhrkamp, 2008. [N. do E.]

[1] Documento original: manuscrito; espólio de Siegfried Kracauer, Deutsches Literaturarchiv Marbach am Neckar. Anotação de Kracauer no envelope: “5º recebido em 14 de abril de 1925 [...], resposta em 16 de abril”.

[2] Não verificado.

[3] Seis pequenas peças para orquestra, op. 4 (cf. Adorno, *Kompositionen* 2, pp. 29-54); a segunda peça data de 1925, a primeira, de 1929.

[4] Ver Carta número 5.

[5] Gertrud Schönberg, nascida Kolisch (1898-1967), com quem se casou em 1924; Mathilde Schönberg, nascida Zemlisky, a primeira esposa de Arnold Schönberg, morreu no ano anterior.

[6] Seis estudos para quarteto de cordas, 1920 (cf. Adorno, *Kompositionen* 3, pp. 67-83, assim como Adorno, *Bildmonographie*, pp. 64-66).

falou comigo como Napoleão gostaria de ter falado com seu jovem ajudante, que ao chegar do longínquo local da batalha, deveria naturalmente mostrar interesse por aquilo, porém há muito havia esquecido as circunstâncias dela: da vida musical frankfurtiana. Ele me pediu então para mostrar-lhe composições. Estes são os dados, poucos mesmo. Mas eu fiquei tanto tempo próximo dele que já tenho certa impressão. Seu rosto é o rosto de um homem sombrio, talvez um homem mau, com a inclinação para todas as baixezas e até perversidades, uma boca com pequenos espasmos, afobada, voraz e uma estranha adaptação dos traços, que se moldam a todas as formas; Benjamin diria: um fantasma; mas um do Café Goldschmidt<sup>7</sup>, um inquieto e exausto rosto de jogador judeu, não “sereno” (ele também não tem idade para isso) mas sim possuído dos pés à cabeça. Para completar, dois olhos enormes, quase rijos e uma testa poderosa. O sujeito tem algo de sinistro e opressivo, apesar de e por mais conciliador que ele se mostrasse. Acrescente-se ainda a isso o texto que Berg me deu e que eu, sem saber de quem era, recusei analisar, por ele se parecer descaradamente com o meu próprio; no qual encontrei simultaneamente o caçado e o colecionado, portanto com ele terá sua veracidade. Eu acho que também teria um efeito forte em você, como tem em mim. — Quando ele tiver voltado da Espanha, onde dirige o *Pierrot*, devo então conhecê-lo mais de perto, até onde isso realmente é possível; pois por ter mania de perseguição (não totalmente sem razão; recentemente cuspiram nele no café, de novo!), ele mal tolera objeções; com o quê a essência de qualquer discussão se exclui. Além do mais, ele é dominado pelo *eros* pedagógico e dá conselhos para qualquer pessoa, em especial para compositores.

Agora a senhora Mahler: primeiro encontrei a sua meia-irmã, filha do pintor Carl Moll<sup>8</sup>, na casa de Alban Berg (também já um caso muito à parte, uma criatura discretamente extravagante!). Então Berg, que toca piano de modo tecnicamente insatisfatório, me pediu para que apresentasse o seu *Wozzeck* a Barbara Kemp<sup>9</sup> (senhora von Schillings<sup>10</sup>), ou melhor, para que estudasse com ela a ária de Marie, pois a soprano deveria fazer o papel principal na estréia em Berlim<sup>11</sup>. (Eu precisei treinar correndo uma semana inteira para isso!) O encontro ocorreu na casa de Alma Maria<sup>12</sup>, às oito e meia da noite ela iria para Veneza, ficamos lá até às oito, repletos do doce licor da Kemp e apenas balbuciando palavras de elogio para ela — Alma Maria tem ritmo, e comparado a ele o de Else é como a lerdeza do interior; acontece apenas que ela encenou tudo de modo considerável e sem dificuldades. Ela é um fenômeno em todas as instâncias: cada vez mais bela, sem todas as pretensões, correta, sem arivismo, inteligente, hábil com as palavras e munida das mais recentes dicas teológicas de Praga (por falar nisso, o escritor Morgenstern<sup>13</sup>, sobre quem ainda quero lhe falar, contou uma piada boa ontem: quando um

[7] Situado na Allerheiligenstraße em Frankfurt am Main.

[8] Carl Moll (1861-1945), pintor e artista gráfico, casou-se com a atriz Anna Sofie Bergen (1857-1938), mãe de Alma Mahler, após a morte de seu marido, Emil Jacob Schindler (1842-1892), pai de Alma e também pintor. Deste casamento nasceu a meia-irmã de Alma, Anna Bergen- Moll (?-1938).

[9] Barbara Kemp (1881-1959), cantora de ópera, trabalhou em grandes palcos da Europa, especialmente na ópera estadual de Berlim e em Bayreuth; na realidade, a ária de Marie foi cantada por Sigrid Johanson.

[10] Max von Schillings (1868-1933), compositor, diretor artístico da ópera estadual de Berlim entre 1919 e 1925.

[11] A primeira apresentação da ópera *Wozzeck*, de Alban Berg, ocorreu em 14 de dezembro de 1925, na ópera estadual de Berlim, sob a regência de Erich Kleiber.

[12] O *Wozzeck* de Alban Berg é “dedicado a Alma Maria Mahler” (cf. Alban Berg, *Wozzeck*, [Universal Edition, Viena, 1923] Universal Edition, Viena, 1953, p. 3).

[13] Soma Morgenstern (1890-1976), escritor e jornalista, escrevia para o jornal *Frankfurter Zeitung*, amigo de Alan Berg.

cidadão de Praga vê a neve e três pessoas nela, já imagina que seria um Dostoiévski!); cheia de mistérios, mas ela se tornou bastante evidente e curiosamente tinha isso como seu objetivo. Ao mesmo tempo uma diplomata fabulosa: como ela lidou com a insuportável e grande maluca da Kemp, festejando e, ao mesmo tempo, ironizando disfarçadamente, e o *Wozzeck* do inacreditavelmente modesto (modesto por fora!) Berg, que de modo algum mencionava sua obra e preferia esconder-se quando o assunto era ele, sem ter a menor habilidade para fazer qualquer coisa por ela — como ela ajudou a dar o lugar merecido ao de fato importante *Wozzeck* e o sugeriu à Kemp, que mal o entendia, isso foi ótimo, *sit venia verbo sine ullo principio*, genial! A coisa teve o melhor efeito e a Kemp vai cantar a ária — eu não acusei tanto a senhora Mahler, acostumada pelo menos de modo passivo às picuinhas, quanto você talvez teria feito por ela ter falado sem parar sobre Werfel e Koko<sup>14</sup>, Beer-Hofmann<sup>15</sup> e outros grandes escritores. Foi apenas engraçado como ela ficou ou se mostrou espantada por eu não conhecer pessoalmente toda a sociedade. Nós nos entendemos muito bem e nos despedimos afetuosamente. No dia vinte ela virá para a estréia do Juarez de Werfel<sup>16</sup> aqui e é bem provável que então eu consiga vê-la.

De resto, vivo bem calmo; a única novidade é esse Morgenstern, que vejo bastante, um judeu polonês inteligente, com uma bela aparência e relativamente pouco exasperado; certamente uma pessoa intensa e dialeticamente talentosa, no entanto provavelmente de estatura modesta. É possível ter uma conversa razoável com ele. Ele anda bem próximo do compositor Rathaus (que também se apresentou em Frankfurt), um jovem muito talentoso mas terrivelmente arrogante, a quem evito.

O que me surpreende em todas as picuinhas é a relativa ingenuidade deles. Desprovidos de qualquer refinamento no contexto daquilo que fazem, eles estão aqui — todos os que conheci! —, sem dúvida, pelas próprias condições; eles se comprometem com a esfera psicológica, como se a compreendessem por ela mesma ou se ela tivesse sido criada pelo querido Deus, e a ineficiência no empirismo segue sem impulso, deslizando sobre o individualismo teórico e histórico, que em toda a dita problemática tem no total e em geral, apesar disso, algo muito confortável, pois ele nunca alcançará para além de si mesmo e nada sabe, ou sabe apenas de forma distorcida, sobre a necessidade de existir — um conforto que, entretanto, visto de fora, apaga sua verdadeira problemática. Nesse sentido eles são todos iguais, mesmo os inimigos Karl Kraus e Werfel<sup>17</sup> (que segue agora a “objetividade”, não sabe mais russo, mas a tudo ilumina com a sua brasa sulina — como ele vai construir rápido um arranha-céu!); e eu quero acreditar que nessa encantada ingenuidade Seldwyliana ainda se esconde algo elementarmente bom; mas o fundamental me parece ser a encenação da crise de

[14] Oscar Kokoschka.

[15] Richar Beer- Hofmann (1866-1945), escritor.

[16] Franz Werfel, *Juarez und Maximilian*, Paul Zsolnay, Berlim, Viena, Leipzig, 1924: primeira apresentação em Magdeburg, no dia 20 de abril de 1925. A estréia em Viena, sob a direção de Max Reinhardt, ocorreu no teatro da Josefstadt em 26 de maio de 1925. Franz Werfel (1890-1945) tornou-se o terceiro marido de Alma Mahler em 1929, após um relacionamento que já durava mais de dez anos.

[17] O conflito é atizado: Werfel, Franz. *Spiegelmensch. Magische Trilogie*. Kurt Wolff, Munique, 1920. Essa paródia anti-Werfel, de 1921, foi uma resposta ao parodístico e a partes da visada peça de Karl Kraus (cf. Kraus, Karl. “Literatur oder Man wird doch da sehn”. In: *Genetische Ausgabe und Kommentar*, org. Martin Leubner. Göttingen: Wallstein Verlag, 1996).

uma burguesia que, pensada como prova marxista (marxismo é uma resposta para Viena!), fica fora da dialética, de certa forma uma ilha de cultura, que caduca por meio de uma atitude de incesto, e cujo objetivo mais fica esquecido, quanto mais se interessa obsessivamente por si mesma. A imagem externa de cidade totalmente estagnada economicamente, abandonada pelos movimentos do mundo, aquecendo a si mesma com dificuldade, combina muito bem com o fato de que se é artisticamente e (até onde vejo) filosoficamente reacionário na essência; entendo o fato de todo radicalismo ser apenas aparência (Koko!) não como psicologia exagerada ou projetada do indivíduo, ele pode ser entendido como a imagem exatamente contrária do modo de vida burguês falsamente concreto da empresa de pianos, que quer exportar e precisa ganhar dinheiro, pois graças à sua burrice cultural não tem máquinas e nem mesmo telefone. A frase “sou acomodado mesmo”<sup>18</sup> de Kraus, foi de fato considerada polêmica pela cidade toda. Já teria sido válido analisar o contexto ou a relação de estrutura da pequena burguesia economicamente retrógrada e o individualismo psicológico *metafísico*: como ela separa a “pessoa” da comunidade existente aqui ou lá do sentido, e a comunidade, pois também no aspecto econômico há por certo a elaboração individualista, que se agarrou romanticamente ao “imediatismo” e com ele desistiu da produção, um fenômeno da separação. — Coisas que são passado para nós há muito tempo, como Strindberg<sup>19</sup> e Péladan<sup>20</sup>, continuam em curso por aqui; Shaw, o pequeno-burguês astuto (eu vi o detestável *Johanna*<sup>21</sup>, não apenas bobo como também desonesto em seu âmago), é considerado o apogeu da civilização ocidental ascendente; mesmo Berg, que apesar de continuar com sua música e estar *de fato* habilitado para a crítica, não entende que algo se tornou preguiçoso em *Tristan* ou, muito mais, que aquilo se tornou o manifesto da preguiça.

Mas basta disso tudo. Eu tenho o sentimento bastante grotesco de ter sido banido da província como o velho Ovídio, apesar de eu — que pena! — não ter seduzido nenhuma dama do rei com os meus poemas e nem uma vez sequer ter sido capaz de alcançar o objetivo óbvio com uma dançarina de cabaré disposta. Eu tento aprender o máximo possível e já aprendi bastante, sobretudo no que diz respeito à orquestra, da qual sempre tive um certo temor e com a qual agora, sem nunca ter estudado “instrumentização”, consigo lidar; Sekles tinha razão. Algumas dicas de Berg me ajudaram de maneira fabulosa. — Também penso em ganhar certa destreza como pianista acompanhante e, com Steuermann, que toca de maneira esplêndida, vou aprender muito em termos pianísticos — desde que ele não seja fleumático demais ao me atender durante a aula. — Ainda não estive na universidade; se estendem variadas conexões a Lukács, mas elas ainda não o alcançaram; ele é muito ex-

[18] “Eu exijo uma cidade na qual possa viver: asfalto, limpeza das ruas, chaves da portaria, calefação, água quente. Já sou acomodado mesmo” (cf. Kraus. *Aphorismen*, org. Christian Wagenknecht. Frankfurt/M: Suhrkamp, 1986, p. 209).

[19] A obra completa do escritor sueco August Strindberg (1849-1912) saiu entre 1902 e 1930, pela editora Georg Müller, Munique e Leipzig.

[20] Do escritor francês Joséphin Péladan (1859-1918), a editora Georg Müller, Munique e Leipzig, publicou em 1914 uma edição de suas peças e, entre 1911 e 1925, os romances.

[21] Shaw, George Bernard. (1856-1959). *Die heilige Johanna. Dramatische Chronik in sechs Szenen und ein Epilog*. Trad. Siegfried Trebitsch. Berlim, S. Fischer, 1924. A estréia em Viena no Deutschen Volkstheater ocorreu em 24 de outubro de 1924. Não foi identificada qual das 58 apresentações teria sido vista por Adorno (cf. *Bernard Shaws's Letters to Siegfried Trebitsch*, org. Samuel A. Weiss. Stanford, Stanford University Press, 1986, p. 252, nota).

[22] Alois Hofmann (1859- 1927), regente de ópera e diretor, em 1923 ocupou a cadeira de docente na Staatsakademie für Musik und darstellende Kunst de Viena.

[23] Ao menos “Zum Problem der Reproduktion” (carta número 7), possivelmente também “Béla Bartók Tanzsuite” (ver carta número 5); a “cartinha” não está disponível.

[24] Walter Benjamin entregou por escrito o requerimento de sua defesa de tese na faculdade de filosofia da Universidade Johann Wolfgang Goethe em 12 de maio de 1925; Hans Cornelius deu parecer negativo sobre a tese *O nascimento do drama barroco alemão* (cf. Benjamin, *GS* 1, pp. 203- 430), o processo fracassou (cf. Benjamin, *Gesammelte Briefe III*, p. 35; Lindner, Burkhardt (org.). *Habilitationsakte Benjamin*. In: *Walter Benjamin im Kontext*. 2a ed. Königstein: Athenäum, 1985, pp. 324- 341).

[25] Com essas palavras Friedrich Hebbels termina uma carta para Cristine Hebbel, de 29 de junho de 1858 (cf. *Friedrich Hebbels Briefe*, com a colaboração de Fritz Lemmeymayers, org. Richard Maria Werner, trechos selecionados em dois volumes. Berlim: B. Behr's, 1900, vol. 2, 1853-1863, p. 98). Essa edição das cartas não se encontra na biblioteca póstuma de Adorno, mas sim os sete volumes da obra de Hebbel, em parte com marcas e anotações nas margens.

[26] Documento original: manuscrito com cabeçalho impresso; Theodor W. Adorno Archiv, Frankfurt am Main.

[27] Kracauer escreve “Kemp”.

clusivo, “classe muito alta” no proletariado. — Vi Alois Hofmann<sup>22</sup>; ele continua talentoso como sempre e difícil de aturar.

O que você achou dos ensaios que corrigiu, sabe Deus quão masoquistamente? O outro é naturalmente seu; claro que também há uma cartinha<sup>23</sup> sobre isso, qual símbolo terá lhe escapulado? Como andam as coisas em casa? O Waltende<sup>24</sup> já defendeu a tese?

Lila está mais doente do que se pensava — pneumonia —, ela se queixa nas cartas e ainda não recebeu uma linha sequer da minha parte. Ela sente pena de mim; mas o relacionamento se desgastou e ela acha que estava apenas começando.

Creio que voltarei menos mudado de Viena do que você imagina. Talvez mais independente com relação às coisas externas, com as quais de fato não me preocupo mais aqui, como o fazia em casa; e estou um tanto mais triste. Será que as pessoas, das quais não consegui escapar de forma veloz o suficiente em Frankfurt, como Hanni e quem mais zanzava por lá, me desejaram algo de bom? Eu vivo aqui do mesmo modo que vivia aí: o demasiadamente livre é o que importa. Por que me falta o calor empírico sem o qual não poderia viver de modo algum uma vida como a minha? Por que tomar de mim o que tenho: minhas pessoas? — Talvez eu tenha sido dócil demais, sem admitir, com aqueles que não gostam de mim. Mas isso fica entre nós, qualquer *terceiro* iria entender errado!

Com devota paixão,  
Seu Teddie.

“As saudações são auto-explicativas.”<sup>25</sup>

#### KRACAUER PARA ADORNO: CARTA NÚMERO 10<sup>26</sup>

Frankfurt am Main, 16.04.1925  
Redação do Frankfurter Zeitung  
16 de abril de 1925

Caro Teddie, sua carta realmente me deu uma impressão de Schönberg e Alma Maria. Eles, com o pano de fundo de sua obra, devem mesmo parecer demoníacos, pelo jeito que você os descreve. O fato de a escrita deles se parecer com a sua seria um prognóstico a interpretar; também encontramos neles a ligação entre a prática e a teoria. Eu realmente não sabia que ele era casado pela segunda vez. Sua tia Agathe já havia me contado que você iria estudar o papel com a Kemp<sup>27</sup>; assim, não fiquei surpreso em saber por ela sobre você e a feiticeira. Pois ela parece ser uma dessas, pelo que Holl conta. Eu acho muito bom que

você se entenda com a moça e com certeza irá circular livremente por lá; mas assim você vai conhecendo diversas criaturas e olhando para a causa de Koko e outros nomes. Eu também não a condenaria por perfilar-se às figuras médias e grandes; como mulher, a se divertir com suas semelhantes, ela pode se dar ao luxo, talvez lhe caia bem, com certeza lhe cai bem. Se o amor começasse com seriedade, a comédia teria de ser organizada. A *grande dame* espirituosa e disposta a aventuras é, em todo caso, uma das mais belas invenções do mundo civilizado e é melhor desculpá-la do que tentar relacionar-se com o círculo de conhecidos. O escritor Morgenstern tem um nome a zelar. Enquanto isso, me ocorre que Rudolf Steiner<sup>28</sup> morreu por esses dias — como esse fantasma foi esquecido depressa. Pelo que a titia ainda relatou no Café Hauptawache<sup>29</sup>, agora você precisa ser excepcionalmente aplicado. Aqui, no entanto, em termos musicais você estava mesmo no exílio, pois fora Sekles não tinha ninguém e ele você também não tinha mais. No quesito produção, não apenas musical, a solidão faz tão mal quanto a moralidade — ao menos enquanto condição. Nos distraímos na tristeza e uma conversa, uma assonância de fora, daria o impulso. Tudo está mesmo em um, mas percebo com frequência que a profundidade depende muito da superfície, do contrário ela se perde sem palavras. Você acha que sou avesso à idéia de que o trabalho nos dá suporte. Ah, definitivamente não, no fim das contas ele faz isso, só que um dia as minas explodem. Ainda falarei sobre sua melancolia e tristeza. Sua interpretação sociológica de Viena ficou clara para mim, eu concordo com ela incondicionalmente e posso sentir muito bem que você tem fé na província de vez em quando. Isso aconteceu comigo em Berlim, os espetáculos que reinavam por lá, meu Deus, tinha-se um outro nível. A província em muitos *closes*: assim me parecia Berlim. Você vai mesmo para lá em maio, como estava planejado<sup>30</sup>? Em seu lugar, eu participaria de toda a agitação, de A a Z, você já conhece aquilo e para quê ter ilusões desnecessárias? Ainda sobre Viena: acredito de bom grado na ligação entre ingenuidade e psicologia individual, o elementar deve estender-se até a senhorita Else. De resto, nenhum personagem dos romances de Schnitzler<sup>31</sup> ou do fantasma Kassirer<sup>32</sup> conseguiu suportar a pseudo-existência. Se você quisesse encontrar Lukács, a realidade da irrealidade dele é um porto-seguro no mar gelatinoso. Aliás, fiquei feliz com a sua condenação do *Johanna*; neste aspecto, nós estamos isolados em relação ao que sentem os outros europeus ocidentais. Você me pergunta o que achei da sua crítica de música. Inteligente e concisa. O que foi o masoquismo que você sugeriu? Espero ter consertado isso corretamente. Quanto às minhas observações acerca do seu ensaio sobre a reprodução, você não escreveu nada. Posso receber uma cópia<sup>33</sup>? Bem percebi que as suas linhas estavam relacionadas com o ensaio; eu só pensei que você precisaria transcrevê-lo mais uma vez. Alban

[28] Nascido em 1861, o fundador da Antroposofia morreu em 30 de março de 1925. Kracauer escreveu um obituário: “Sobre a morte de Rudolf Steiner”. In: *Frankfurter Zeitung*, 18 abr. 1925, *Morgenblatt* (ver Kracauer, *W*, n.º 238).

[29] Estabelecimento localizado na praça de mesmo nome no centro de Frankfurt.

[30] Aestréia em Berlim do “Wozzeck” de Alban Berg, adiada para dezembro, estava planejada para maio de 1925.

[31] Schnitzler, Arthur. *Fräulein Else*. Berlim/Viena/Leipzig: Paulo Zsolnay, 1924.

[32] Não verificado.

[33] O ensaio de Adorno não foi encontrado na extensa coleção de artigos xerocados de Kracauer (espólio de Kracauer, *Deutsches Literaturarchiv Marbach*).

Berg deve ser mesmo uma pessoa profunda e distinta, sem alardes; seu pessoal também ficou encantado com ele. Pressionei bastante sua tia, sobretudo, para transmitir uma imagem nítida.

No que concerne à sua melancolia, nela encontro uma certa discrepância entre os tons mais baixos e mais elevados da carta — considerando que não se trata da melancolia genérica sem motivo, que nunca retrocede, uma vez que se instalou assim, pois a incompletude parece constitutiva. Contra isso eu não saberia como ajudar, tão pouco a você como a mim. Essa melancolia é, portanto, o que você é. Mas as outras coisas que poderiam ser atingidas pela sua palavra, você talvez voltaria um pouco mais triste, isso em especial não parece mais ter o tom mais elevado, pelo menos. Na verdade tive até mesmo a sensação de que aí você nadou em um rio mais largo, alguns fardos se foram. Diferente do que eu imaginava, você percebeu o novo, a continuidade seria extinta, mas tudo o que foi escrito tinha, no entanto, uma ênfase positiva, suas mamãezinhas também declararam algo parecido, elas estavam até mesmo satisfeitas com o aspecto físico, o que, aliás, quer dizer muita coisa. Agora sim, são essas as minhas impressões. A tristeza sobre a qual você escreve aparece bem nas últimas frases de sua carta: eu não as entendo. Um: por que você está preocupado se Hanni e os outros lhe desejaram algo de bom, como se ela lhe quisesse fora de Frankfurt? [x]<sup>34</sup> são isso; eu acredito mesmo que ela tenha feito isso. “Por que tomar de mim o que tenho: minhas pessoas?”, você pergunta depois. Estou duplamente em desacordo aqui. Primeiramente: você quer dizer que eu tomei alguém de você? Você não pode acreditar nisso. Sobre o resto: a lógica dos fatos. Como alguém pode chegar a tomar pessoas de outro alguém que as possui. No sentido exterior seria possível — talvez? —, mas isso não está em discussão. Na realidade: nunca. Persistem aqui — esta é a minha forte convicção (tão forte quanto a sua) — relações exatamente recíprocas. No que se refere às relações humanas, ninguém pode arrancar um “a” que seja do outro. Penso no “equilíbrio”<sup>35</sup>: o princípio da balança vale ao menos negativamente. Um amor sempre pode ser maior. Ele parece ter sido revogado, no entanto, provavelmente não irradia desse jeito, devia estar desamparado. Uma curiosidade sobre isso. A Susman me escreveu ontem<sup>36</sup>, cortando relações; saudação: Caro sr. Kr. Ela leu algum dos meus ensaios e ele lhe pareceu contraditório — como posso saber? —, ela constatou um estranhamento entre nós e encerrou, por assim dizer, oficialmente a forma da relação. Ela não me tirou nada, pois eu não tinha nada. Se eu fosse amigo dela — “indispensável” —, isso não poderia ter acontecido. Aliás, não dou a mínima para isso; o que se deve responder diante de tamanha idiotice? Já que estamos falando de pessoas: você me contou sobre Lila, a doença dela, o fato de você

[34] Texto ilegível no original.

[35] “O equilíbrio entre o estético e o ético na formação da personalidade”, assim é o título da segunda seção, da segunda parte de Kierkegaard, Sören. *Entweder- Oder*, com a contribuição de Niels Thulstrup e da Kopenhagener Kierkegaard- Gesellschaft, orgs. Hermann Diem e Walter Rest. Colônia: Jakob Hegner, 1960, pp. 704- 914.

[36] Magarete Susman, nome de casada Bendemann (1872- 1966), escritora e estudiosa da literatura, amiga de Kracauer desde o início do século XX. A carta mencionada não está disponível no espólio de Kracauer.

não lhe escrever. Você permite que eu diga algo sobre isso? Claro que não sei qual é o problema entre vocês, mas na verdade achei um pouco *brutto*<sup>37</sup> você não enviar nenhuma linha para ela, a criatura doente. Você mesmo diz que ela é uma pessoa — e você assim a mantinha — sempre à certa distância. Mas eu não sei, a última frase, “Talvez eu tenha sido dócil demais, sem admitir, com aqueles que não gostam de mim”, é um mistério para mim — mas ela deve ficar, apesar disso, entre nós. Por favor me diga o significado, se você tiver vontade, pois eu não consigo enxergá-lo. Fico envergonhado. Você não escreveu nada sobre a minha última carta<sup>38</sup> (de 18 de março, respondendo à sua do dia 14), ela chegou até você?

## 2.

Você quer saber como estão as coisas “em casa”. O Waltende, até onde sei, está em Berlim; o processo da tese provavelmente será encaminhado no próximo semestre. Horkheimer me telefonou uma vez, arrastado de Paris<sup>39</sup>; talvez eu o visite essa semana ou na próxima. Desde a sua ausência, não vi Zickel<sup>40</sup> uma vez sequer. Mas por que raios ele nunca escreve? De Fred, recebi uma carta<sup>41</sup> curta e indecifrável. Ele pergunta muito por você, sem saber sobre você. Vou passar o seu endereço na próxima (ou não? ou sim, isso é tão externo), que escrever ao garoto, então. O Leo me incomoda de vez em quando; eu tenho uma desconfiança passional contra ele, porém sou covarde demais para arcar com as conseqüências. Srta. Kamnitzer<sup>42</sup> não passou sequer uma vez pelo horizonte, pois ela parece mesmo estar na Riviera, acredito; logo a menina vai ficar noiva. Nenhuma história nova, na verdade a pintura é monótona. Muitos perguntaram afetuosamente sobre você: dr. Frankenger<sup>43</sup>, por exemplo, e outros da nossa mesa cativa. Não sei por onde andam Hanni e Bobbie<sup>44</sup>; nunca mais ouvi falar delas, e fora isso: a solidariedade.

Na Páscoa, estive em Würzburg e Bamberg<sup>45</sup>, sozinho. Não faltaram sensações ópticas. O basalto, com suas vistas gerais em perspectiva por todo o cosmos, já é algo impressionante. Joga-se com o panteão, clama-se por uma solução — *tutto il mondo* será levado à sociedade culta, que ainda conhece os cinzas e as relações da natureza, de uma forma provinda da própria situação — a última positiva. O rococó então ainda continua a aderir a este mesmo mundo retirado da Regência e zomba muito dele com alegria — em tom de despedida e timidamente, a falta de abrigo transcendental da lembrança gloriosa já está na medula. *Rocailles* sobre antigas cornijas — que símbolo. A escada para a capela — um *chef d'oeuvre* da atitude religiosa; o parque de Veitshöchheim<sup>46</sup> abriga uma cos-

[37] *Brutto* (italiano): duro, malvado.

[38] Não disponível.

[39] Max Horkheimer (1895-1973), filósofo e cientista social, amigo de Adorno desde o início do século XX. Livre-docente da Johann Wolfgang Goethe-Universität, co-fundador do Instituto de Pesquisa Social, diretor até 1930. Ano de 1933, exílio na Suíça; 1934, Estados Unidos, retorna a Frankfurt am Main em 1949, lá retoma a atividade acadêmica, é reitor da universidade entre 1951-1953. A visita de Paris não pôde ser verificada.

[40] Reinhold Zickel (1885-1953), professor de alemão de Adorno no Kaiser-Wilhelms-Gymnasium, em Frankfurt am Main (ver Reinhold Zickel, Adorno, *GS* 20-22, pp. 756-767, assim como Stemmler, Horst. “Rückblicke auf eine Freundschaft. Theodor Adorno und sein Lehrer Reinhold Zickel. 1913-1965”. In: *Adorno-Portraits. Erinnerung von Zeitgenossen*, org. Stefan Müller-Doohm. Frankfurt/M: Suhrkamp, 2007, pp. 175-210).

[41] No espólio de Kracauer encontram-se dois escritos sem data de Frederick Goldbecks para Kracauer.

[42] Provavelmente Marianne Kamnitzer (1901-?), jornalista, editora. Nome de casada Marschak.

[43] Trata-se do dr. Julius Frankenger, segundo a lista de endereços de Frankfurt de 1925, professor de ginásio e residente em Trutz.

[44] Ver Cartas números 4 e 8.

[45] Kracauer relata isso: “Der Reisevorschlagn. Eine Viertage-Reise nach Würzburg und Bamberg”, in *Frankfurter Zeitung*, 17 mai. 1925, 2. Morgenblatt, Bäder-Blatt (ver Kracauer, *W* 5, nº 240).

[46] Jardim rococó na residência de verão do príncipe-arcebispo de Würzburg.

[47] Adorno e Kracauer conhecem a estátua do cavaleiro na catedral de Bamberg e sua linhagem iconográfica da poesia “Bamberg”, de Stefan

George (*Der Siebte Ring*, 1907), segunda estrofe: “Dann bist du leibhaft in der Kemenat/Gemeisselt — nicht mehr Waibling oder Welfe —/Nur stiller Künstler der sein bestes tat/Versonnen wartend bis der Himmel helfe” (citado de acordo com Stefan George, *Werke*, a.a.O., vol. 1, pp. 336ss.).

[48] Escultura da lápide de Friederich von Hohenlohe (príncipe-arcebispo de Bamberg entre 1344 e 1352) na catedral de Bamberg.

[49] Ao lado da estátua de Maria e do “anjo sorridente”, faz parte da composição de figuras do coro leste da catedral de Bamberg.

[50] Monastério do antigo convento beneditino de São Michael em Bamberg.

[51] Igrejas de peregrinação do século XVIII; como Banz, antigo mosteiro beneditino fundado no século XI, situado ao norte de Bamberg.

[52] No espólio de Adorno não se encontra nenhuma foto que corresponda, contudo há um retrato com dedicatória manuscrita de 1923: “Para Teddie, Friedel. Em março, 1923” (ver Adorno, *Bildmonographie*, p. 80). No espólio de Kracauer encontra-se uma de Adorno do ano de 1924: “Para o meu Friedel, esta triste foto como lembrança da viagem às Dolomitas, 2 de setembro de 1924, a caminho do lago Garda” (Deutsches Literaturarchiv Marbach).

mogonia tremenda de mortes cristãs, a mais alta aposta na última trepidação — pranto na forma — lamento do objeto (como em Mozart o lamento do sujeito). Bamberg: eu fui derrotado. O cavaleiro de uma visão vinda de outro império<sup>47</sup> (o unicórnio deve mesmo estar perto). Depois o Hohenlohen<sup>48</sup> com sua espiritualidade de rosto pequeno, nervoso, do século XIII. A sibila<sup>49</sup>: o olhar pareceu repousar por séculos, as rugas são evocações. *And so on*. A essência católica que vive é em parte incrivelmente medieval (mulheres, velhas, com rostos de pedra repletos de devoção objetiva; ocasião dos cerimoniais, para aproveitar a vida ao máximo), como um teatro na capela da Michaelkirche<sup>50</sup>, o cristo de alabastro em linho branco, coberto de plissados [?] vermelhos, por todo lado velas e eletricidade atrás das ramas de pinheiro — magia da Sexta-feira Santa. O *mocca* certamente é ruim nestes enclaves mortos e os cinemas passam os filmes encalhados. Pelo menos eles são, eu sei disso, e a senhorita Emerantia pode estudar ou detestar os costumes e usos do chá das cinco. Por último vi as *Vierzehnheiligen* e Banz<sup>51</sup>. Aquele Rococó incrivelmente sonoro de uma temporalidade perigosa e agregadora, a Idade Média, um pavilhão de luxúria audacioso, pula para dentro das abóbadas frívolas e as alegorias se unem mudas ao esplendor. Do outro lado de Banz, paisagens mais sérias, melhores, com as colônias de monges trapistas. A região de aspecto alemão à antiga, com vilarejos horríveis, foi desejada de modo complexo, conhecemos as pinturas = fundos. Agora estou de volta.

Sobre as fotografias<sup>52</sup> que finalmente chegaram, as envio em anexo. “Sou acomodado mesmo” não permite nenhum comentário. Detesto minha foto — essa, todas elas.

Então. Pois bem. Seu Friedel.

## "VOCÊ MALTRATA MEU TEXTO DE FORMA ARBITRÁRIA"\*

### Correspondência entre Kracauer e Adorno (1938)

#### KRACAUER PARA ADORNO: CARTA NÚMERO 126<sup>1</sup>

Paris, 20.08.1938

Paris (17<sup>o</sup>).3, Avenue Mac-Mahon/20 de agosto de 1938

[\*] As notas que se seguem pertencem à edição original: Adorno, Theodor W. e Kracauer, Siegfried. Briefwechsel — "Der Riss der Welt geht auch durch mich" — 1923-1966. In: Adorno. *Briefe und Briefwechsel* — Herausgegeben vom Theodor W. Adorno Archiv — Band 7. Frankfurt/M: Suhrkamp, 2008. [N. do E.]

[1] Documento original: datilografado (cópia); espólio de Siegfried Kracauer, Deutsches Literaturarchiv, Marbach.

[2] Não disponível nos espólios de Kracauer ou de Horkheimer.

Caro Teddie,

Escrevi para o instituto no dia 26 de julho<sup>2</sup> — com o pedido de me comunicar com você — dizendo que havia recebido seu manuscrito e lhe escreveria sobre ele muito em breve. Me perdoe, por favor, por isso só ter acontecido hoje. Mas tive semanas cheias de agitações, que não permitiram nem fazer uma carta, e além disso eu sabia que você estava de férias.

Antes de tratar propriamente de seu manuscrito, gostaria de adiantar que eu só pude deduzir de sua longa carta de 3 de maio que você propôs um arranjo de passagens especialmente importantes do meu trabalho, levando em consideração as restritas relações de espaço. Você escreveu naquela carta, com ênfase: "Uma nota editorial mostrará certamente que se trata apenas da reprodução de um dos temas mais importantes e não de todo o seu texto". — Pela sua carta de 28 de junho tive de constatar, entretanto, que você aceitou as modificações mais drásticas em seu manuscrito concluído entretantes — uma declaração que me deixou seriamente preocupado. Mas queria esperar primeiro pelo manuscrito.

A leitura dele, lamentavelmente, confirmou minhas preocupações. Com grande pesar, preciso lhe informar que *não* posso aprovar a publicação desse manuscrito. Você pode acreditar que isso é muito penoso para mim, não apenas por causa do novo adiamento da publicação ou parte da publicação do meu trabalho, mas também em virtude do esforço que você dedicou a isso.

Me parece que é como se aquelas estruturas do seu manuscrito, que não me permitem consenti-lo, estivessem de certo modo em dívida com o seu propósito, como se o principal assunto do meu trabalho tivesse sido comprimido a um quinto do espaço usado no original e a tal versão que daí resultou se mostrasse como um todo unificado. Mas este propósito é, como não preciso começar a lhe justificar, um texto verdadeiramente problemático, desde o início, em relação ao meu.

Vou tentar lhe provar rapidamente como estou convencido de que essas coisas são ruins no caso presente. Você escreveu em 3 de maio que a sua elaboração sobre a “estrutura” inevitavelmente teria que ser retirada. Contra isso eu, por certo, não teria nada a objetar. O fato é que você, contudo, não retirou a “estrutura”, e sim uma parte considerável do que consiste na essência do meu trabalho. Eu me esforcei com interminável prudência na remoção metódica do criativo para o existente, e para esse propósito uma determinada distância média dos acontecimentos apreendidos, que também corresponde à aplicação de categorias determinadas, como a vontade de poder niilista. Fora a pertinência tática de um procedimento como esse em relação à atualidade: com a ajuda dele me foi possível, assim espero, tornar compreensível o surgimento do fascismo, descrever sua complexa relação com o capitalismo e elaborar o desenvolvimento da propaganda totalitária. Essas conclusões, que de modo algum são “estruturas”, desaparecem quase por completo em seu manuscrito; provavelmente por isso, porque você prefere tomar o fascismo em meio a uma rede coordenada, que gostaria de estar a uma distância muito maior do fenômeno do que a que conheço como deliberadamente válida. Isso expressa que você eliminou todas as categorias determinadas utilizadas por mim e, com elas, todo o conhecimento resultante da relação conflituosa com o material. Para você o fascismo aparece como uma coisa pronta, que pode ser cem por cento classificada e ordenada. Você o identifica a princípio com a contra-revolução, apesar de seus interesses serem diametralmente contrários ao da maioria, e deixa de lado o duplo significado da sua relação com o capitalismo. Significativo na dimensão em que você opera, é a bagatela de que Ortega y Gasset<sup>3</sup>, para mim um “grande pensador burguês”, se tornou um “reacionário” para você. Eu não afirmo, veja bem, que as tais abreviações estejam erradas, mas são demasiado sumárias para terem força, e sobretudo: elas pulam por completo a camada na qual me movo e na qual adquiro conhecimentos, que são oriundos dos fenômenos significativos de fato e os atingem com precisão. A sua omissão dessa camada coincide com a forma como arranjou seus temas. Enquanto eu trago um dos prerequisites e a assim imposta disposição das dificuldades do material, você trata do assunto como um caso categorial já cumprido e absorvido, que pode ser retirado aleatoriamente, sem muita preocupação com a forma dada ao tema. Seu arranjo faz minha avaliação parecer parte de um caráter puramente ornamental.

Rapidamente, por essa razão já não posso aceitar este manuscrito, porque nele se perdem traços e conteúdos decisivos do meu trabalho. Além do mais há uma objeção básica, que também tem muito peso. Com grande espanto constatei que você não teve o menor escrúpulo de ser cuidadoso para preservar o meu texto original na sua edição,

[3] José Ortega y Gasset (1883-1955) apresentou em “A rebelião das massas” (“La rebelión de las masas”, *Revista de Occidente*, Madrid, 1930) uma análise do fascismo a partir de uma perspectiva aristocrática.

mas, pelo contrário, suprimiu meu texto usando um punhado de ingredientes próprios. Dentro da versão já reduzida, nos quatro quintos é sempre você mesmo quem fala, sem nem ao menos indicar os tais ingredientes. Vários deles são, diga-se de passagem, definitivamente contrários à abordagem que uso no meu trabalho; ao contrário de você, por motivos sólidos desisti de todas as análises de linguagem que apareceram pelo meu caminho. E como se não bastasse você intervir constantemente, ainda maltrata o meu texto de forma arbitrária na parte em que você por fim a ele recorre. Quase nenhuma frase minha foi reproduzida com exatidão; a maioria foi recortada, estripada, modificada até ficar irreconhecível. Eu preciso lhe confessar que em toda a minha trajetória literária nunca tinha visto uma edição que opusesse tanto a usos legítimos; sem mencionar que, pela minha experiência pessoal, eu jamais teria mexido desse jeito num texto alheio.

Na verdade você não revisou meu manuscrito e sim o utilizou como base para um trabalho próprio.

Isso não denuncia o estilo dele, de fato. Frases como essas: “[...] a propaganda como flor na lapela [...]”, “A bebedeira do festival da canção espontâneo [...]”, “[...] o diretor bronzeado com o motorista [...]”, “O sonho de um leitor de jornal que mergulha de clichê em clichê sem resistir [...]”, “[...] registrou o professor [...]”, pertencem a uma esfera da linguagem que, como sempre se avalia, tem tão pouco a ver com o meu trabalho que a evitei com absoluta intenção. E não há nada a dizer sobre o fato de que por todos os lados o seu estilo característico sobrepuja os restos miseráveis do meu.

Com isso, espero ter lhe mostrado os motivos que me compelem a esta necessidade lamentável de não poder aprovar a publicação da sua versão. O que fazer para salvar o meu trabalho para a revista? Depois de ter falhado a sua tentativa de comprimir um texto da natureza do meu a um quinto de seu volume, sem no entanto, como você me escreveu em 28 de junho, “reivindicar o caráter fragmentário” desse extrato — mas uma tentativa dessas, que para mim já estava definida pelo seu aviso, iria ter de falhar a qualquer custo! — em vista da calamidade do espaço, restou apenas uma saída, que me pareceu a única correta desde o princípio: a revista reproduzir um fragmento do meu trabalho. Poderia se escolher passagens dentre o todo dos capítulos, que seriam ligados por meio de intertítulos editoriais breves — como os que foram claramente retirados; ou se poderia querer publicar um trecho completo, no tamanho oferecido, com a nota preliminar de que se trata aqui de um fragmento do meu trabalho. Pensando no interesse do jornal, assim como no meu, decididamente me rendo à segunda solução, mais proveitosa. E com efeito sugiro que se publique o capítulo sobre as massas e se possível também o capítulo de encerramento, com sua construção do processo de auto-imolação da propaganda totalitá-

ria. Um fragmento desse tipo seria uma coisa clara e honesta; ela não apenas conteve em si mesma algumas explicações essenciais, mas de fato apresentou uma noção do meu trabalho, sobretudo.

Para concluir, não devo esquecer um ponto muito importante. Você assinou o seu manuscrito com meu nome. Mas, nesse momento, infelizmente de modo algum posso publicar o fragmento indicado do meu trabalho sob meu nome, mas somente sob pseudônimo<sup>4</sup> ou mesmo sem assinar; em razão de tê-lo desenvolvido quando o senhor Pollock esteve aqui, em abril. O senhor Pollock considerou essas razões absolutamente obrigatórias e prometeu tomar medidas quanto a isso para que a minha vontade seja cumprida.

Escrevo para Horkheimer<sup>5</sup> nesta mesma correspondência. Para não precisar me repetir, envio em anexo uma cópia desta carta para ele, uma forma de simplificar as coisas.

Muitíssimo obrigado pelo seu cartão-postal, recebido ontem, vindo do frescor do verão. Nos alegamos muito em ver que você e Gretel tiveram belos dias de férias.

Lili e eu enviamos todo amor e tudo de bom para vocês dois.

Seu

Obs.: Ainda preciso agradecer a sua carta de 2 de junho. Sua notícia sobre o milionário da Filadélfia, indicado a mim por Schapiro, já naquela época não precisava da discrição que você me pede, pois a notícia já havia sido transmitida<sup>6</sup> por outros conhecidos — Leo entre eles.

#### ADORNO PARA KRACAUER: CARTA NÚMERO 127<sup>7</sup>

Nova York, 12.9.1938  
12 de setembro de 1938

Caro Friedel,

lamento que você não tenha podido aprovar com o trabalho reformulado sobre a propaganda, e eu suponho que você tenha visto na carta de Leo<sup>8</sup> que o pesar sobre isso foi compartilhado pelos outros. Eu penso estar de certa forma livre de todo esse pesar, tomado de sentimentos de um padrasto injusto: pois o trabalho não teve outro propósito, objetivo além de lhe ser benéfico. As coisas que você objeta, em especial a questão da “distância”, para mim estavam presentes desde o princípio, e eu não posso de pleno juízo representar outras coisas diferentes dessas. A reprimenda contida em frases como a “edição que se opõe a usos legítimos” não me parece correta. Eu não maltratei o

[4] Em consideração à mãe que vivia na Alemanha (ver carta número 120).

[5] A carta para Max Horkheimer em 20 de agosto de 1938 está impressa (ver Horkheimer, *GS* 16, pp. 458-64).

[6] Em carta de Leo Löwenthal a Kracauer, de 31 de maio de 1938 (ver Kracauer/Löwenthal, *Briefwechsel*, pp. 86ss).

[7] Documento original: datilografado; espólio de Siegfried Kracauer, Deutsches Literaturarchiv Marbach am Neckar.

[8] Em 9 de setembro de 1938, Leo Löwenthal escreveu para Kracauer sobre a recusa de imprimir a versão criada por Adorno de “Massa e propaganda”. Max Horkheimer e os outros membros do Instituto “lamentaram sinceramente” o ocorrido (ver Kracauer/Löwenthal, troca de correspondências, pp. 90ss).

seu texto de forma arbitrária, e sim tentei reformulá-lo no sentido da abordagem decididamente teórica, que está por trás da revista, e por mais preparado que eu esteja para assumir toda a responsabilidade da nova versão, não posso, contudo, tratar essa nova versão como uma coisa particular minha. Não posso fazer nada, creio, a publicação teria sido especificamente do seu interesse.

Porém posso entender a sua decisão negativa e a respeito. O único pedido que eu gostaria de fazer seria que você considerasse meu texto de maneira suficientemente detalhada para chegar a um veredicto sobre ele, pois as intervenções que fiz não foram autoritárias nem displicentes.

Nós mudamos para o novo apartamento, o primeiro apartamento próprio que tenho na vida, agora estou de novo em posse do meu piano. Nós sentiríamos bem e felizes, se a medida das preocupações prementes de hoje não tornasse bastante improvável o bem-estar individual provindo das coisas mais elementares. Por preocupações entendo sobretudo aquelas sobre um par de pessoas, que só contam uma com a outra. Mesmo assim nem mesmo penso na grande política, pois continuo sem acreditar na guerra. Mas se houver uma dessas, então de fato não seria apenas uma vitória da força bruta, mas também a vitória do empirismo sobre a teoria. E mal posso dispor do meu próprio ódio contra o bando de Hitler para desejar tal coisa. Mas isso não deve ser tomado ao pé da letra, na verdade sei muito bem que não há mais nenhuma esperança além da catástrofe. Apenas não tenho nem mesmo isso.

Tudo de bom para você e Lili, também da parte de Gretel  
Seu velho  
Teddie

### Correspondência entre Kracauer e Adorno (1951)

#### KRACAUER PARA ADORNO: CARTA NÚMERO 150<sup>1</sup>

Nova York, 4.7.1951  
56 West 75th Street  
New York 23, NY  
04 de julho de 1951

Caro Teddie

Eu tenho a terrível consciência de que passei semanas sem lhe agradecer *Minima moralia*. Minha única desculpa é que tive de fazer (graças a Leo) um grande relatório para o *Voice of America*<sup>2</sup>, com um *deadline ahead of me*. Eu ainda não acabei, mas se eu quisesse esperar até o fim do trabalho tudo estaria arruinado e distante demais. Não há de ser muita coisa e não posso apostar em nada, mas é o melhor que posso fazer agora. Você deveria vir para Nova York então eu gostaria de lhe falar muito detalhadamente sobre todo o livro.

Antes quero lhe dizer que achei o seu ensaio sobre Benjamin primoroso. A maneira como você analisa a dialética de Benjamin — uma dialética que não vai adiante ou que não se fecha e sempre é impulsionada pelo material dos restos — nos põe a par de modo muito profundo desse mecanismo de pensamento singular e igualmente curioso. Eu gostaria de pegar o caderno da *Neue Rundschau* emprestado; eu queria tê-lo comigo. Você pode me encaminhar um exemplar?

Seu livro me deixou realmente admirado com a extraordinária força do pensamento, que o domina com uma intensidade incomparável e inflexível. Sério, Teddie, ao longo da leitura fiquei fascinado com a sua habilidade de penetrar intelectualmente o material da existência, e o que mais me impressionou e com frequência me convenceu foi isto: quando uma interpretação me soa parcial ou por qualquer outro motivo parece insatisfatória, logo depois segue uma passagem que revista ou completa a sua primeira frase, como se por fim o fenômeno tivesse sido incluído no processo dialético. Algumas das minhas objeções que surgiram durante a leitura foram corrigidas por você mesmo na implementação do pensamento. Em alguns momentos precisei fazer um esforço descomunal — como se você estivesse olhando por sobre meus

[\*] As notas que se seguem pertencem à edição original: Adorno, Theodor W. e Kracauer, Siegfried. Briefwechsel — “Der Riss der Welt geht auch durch mich” — 1923-1966”. In: Adorno. *Briefe und Briefwechsel* — Herausgegeben vom Theodor W. Adorno Archiv — Band 7. Frankfurt/M: Suhrkamp, 2008. [N. do E.]

[1] Documento original: datilografado/ Theodor W. Adorno Archiv, Frankfurt am Main. E (até a última passagem): Adorno / Suhrkamp / Unseld, Briefwechsel, pp. 31-34.

[2] *Voice of America* fazia transmissões para a Bulgária, a Grécia, a Espanha e a Áustria (10.12.1950- 27.01.1951). *A Report* (espólio de Kracauer, Deutsches Literaturarchiv Marbach).

ombros ou nem mesmo tivesse me visto, como se risse com desdém dos meus escrúpulos e me fizesse esperar pelo próximo elo do pensamento, aquilo que eu queria lhe dizer já foi antecipado e na maioria das vezes até superado. Nesses casos aceitei de bom grado a derrota e fiquei muito contente com a sua grande inteligência. Na realidade eu não sabia de quase nenhuma obra na literatura que se equiparasse à sua em termos de cautela e energia para incinerar os fatos menores e maiores — ou como você sempre descreve o processo da interpretação à luz da utopia. Se eu tivesse tempo — mas estou tão esgotado com o trabalho do relatório, que também me fez interromper por completo meu livro — então trataria individualmente sobre isso com você. Existem tantas compreensões acertadas no livro, compreensões muito concretas, que desempenham um efeito de choque benéfico, que eu gostaria muito de ter destacado cada uma para lhe informar meu encantamento por elas. (Acabo de pensar nas observações excelentes sobre o movimento da ciência aqui e agora<sup>3</sup>.) Mas se eu começar com isso, não poderei mais parar. E realmente não posso me permitir isso.

O que tenho a dizer como crítica, quero guardar para uma discussão oral — espero que em breve. Quase tudo se refere a coisas dadas e irrevogáveis no seu desenvolvimento; excetuando, talvez, que permaneceu um certo número de opiniões, você não teve sucesso, creio, em tirar delas a impressão de que são apenas “opiniões”. (Eu anotei alguns exemplos). Se eu tivesse visto o manuscrito antes, teria lhe aconselhado a afastar essas coisas remanescentes. (Por outro lado entendo muito bem o prazer da opinião). Para lhe dar sugestões apenas sobre as coisas “irrevogáveis”: eu gostaria de polemizar contra o uso que você faz da “utopia”, isto é, dos critérios de julgamento ocultos que surgem fugazes e muito raramente do “mero existir”. Me parece legítimo que os conhecimentos de fato utópicos permaneçam ocultos a grosso modo; mas não tanto, contudo, o seu conteúdo e a forma como eles são mobilizados contra o estabelecido. Um segundo ponto é a própria dialética: pode lhe parecer quase uma contradição, mas se de um lado estou tão tomado por sua força dialética, de outro estou bastante convencido de que ela não foi longe o suficiente no estudo da atualidade: me parece que a cultura de massa permaneceu intocada, para tomar apenas um exemplo. Talvez isso ocorra porque certos conceitos-chave referentes à atualidade, vindos de um período anterior do seu pensamento, tenham sido tomados sem questionamento. E a justificativa do seu estilo não me convenceu, de tal modo insistente. Mas claro que tenho a consciência de que toda obra importante, quando empreende a sua caminhada, está sujeita a tais objeções, que concernem ao essencial. Ataque e defesa fazem parte da essência em si.

Leo me contou sobre a festa da cumeieira<sup>4</sup> de vocês e as outras coisas que escutei me deixaram com a impressão de que você e Horkheimer

[3] “Gedankenfreiheit” [liberdade de pensamento] (ver Adorno *GS a*, pp. 76ss).

[4] No final de 1951, o prédio do Instituto de Pesquisa Social foi transferido para o terreno de Senckenberg.

[5] Aiminente operação de pedra nos rins acabou por não ser realizada (ver carta seguinte).

[6] Friedrich Pollock e Carlotta Weil.

[7] Documento original: datilografado com cabeçalho impresso, complementos e correções à mão; espólio de Siegfried Kracauer, Deutsches Literaturarchiv, Marbach am Neckar.

[8] A repercussão da imprensa confirma isso; a editora enviou cerca de 110 exemplares para resenha de *Minima moralia* em março e abril de 1951, existem noventa registros de resenhas favoráveis.

[9] "Ein Titel und ein Orden hält im Gedränge machen Puff ab", ver Goethe, Johann Wolfgang von, *Briefe, Tagebücher und Gespräche von 1928 bis zu Goethes Tod*. Parte 1, org. Horst Fleig. Frankfurt/M: Deutscher Klassiker Verlag, 1993, p. 479.

punderam extrair uma satisfação profunda da atuação de vocês. Espero que a operação de Horkheimer<sup>5</sup> tenha dado certo; nossos melhores desejos e lembranças sinceras para ele. E diga a Gretel que Lili e eu desejamos todo carinho. Envie nossas saudações à senhora Horkheimer e ao casal Pollock<sup>6</sup>. Estou muito feliz, caro Teddie, que pelo menos consegui acabar isso, para ao menos lhe dizer esse par de coisas sobre o seu trabalho.

Bons pensamentos e desejos, da parte de Lili e minha,  
Seu  
Friedel

#### ADORNO PARA KRACAUER: CARTA NÚMERO 151<sup>7</sup>

Frankfurt am Main, 19.7.1951  
Institut für Sozialforschung  
Johan Wolfgang Goethe-Universität  
Frankfurt a. m. 19 de julho de 1952  
Seckenberg-anlage 34

Senhor  
Dr. Siegfried Kracauer  
56 West 75th Street  
New York 23, N.Y.

Caro Friedel,

Agradeço sinceramente pela sua carta. Para mim é uma grande alegria saber que meu livro tenha sido significativo para você. A quem mais este tipo de produto exposto deveria atingir afinal, além de você, que possui não apenas os prerrequisitos objetivos e empíricos para isso, como também, gostaria de dizer os históricos. A propósito, para a minha sincera surpresa, o livro é um sucesso extraordinário<sup>8</sup>, não apenas "literário" como também em termos de venda. De onde vem isto, é difícil dizer; eu não sou vaidoso nem modesto o suficiente para atribuí-lo à coisa em si, provavelmente se deve a uma sucessão de momentos favoráveis, entre eles os fatos de que o terreno foi bem preparado, que as pessoas da turma de Heidegger já estão de saco cheio e, sobretudo, que uma espécie de vácuo impera, no qual o estranho *Minima moralia* pôde se instalar como se fosse alguém de casa. Em todo caso, com isso me tornei conhecido em toda cidade, o que implica em ter conversas com Goethe, assim como ficar longe de todo tipo de empurrões da multidão<sup>9</sup>.

Quanto à sua crítica: o que você diz sobre o conceito de “opinião”, me preocupou bastante, já que há mais de catorze anos, quando Bloch me enviou “Erbschaft dieser Zeit” [Legado desse tempo], invoco exatamente as mesmas categorias para o conceito, que na época realmente representava a demanda com relação a ele<sup>10</sup>, de que a tarefa da Filosofia era “acabar com a opinião”. Não cabe a mim decidir até onde eu mesmo segui esse postulado, porém gostaria de pelo menos alegar a favor disso que nos lugares em que se trata meramente de opiniões, tanto essa como aquela se assumiram e, com isso, em certo sentido foram desculpadas, enquanto aquela com pretensão de fato objetiva precisou de algum modo ser justificada a ele com meditações esporádicas, e estabelecer uma espécie de “norma”, um pouco como a *Teoria do romance* há trinta anos<sup>11</sup>. Isso terá dado certo?

O fato da parte sobre a cultura de massa não chegar a oferecer uma teoria completa da coisa é algo que admito com prazer a você; esse não foi de modo algum o intuito. Não se esqueça de que a teoria da cultura de massa desenvolvida conjuntamente por Max e eu na “Dialética do esclarecimento” traz em si o mesmo caráter fragmentário; espero que por fim tenhamos conseguido concluir essa tarefa. Eu admitiria para você também que as minhas observações sobre isso carregam uma poeira do não-dialético; apenas por livre e espontânea vontade, quando a dialética equivaler aqui à mais suave indulgência com o objeto, eu me tornaria teimoso. E no aspecto da linguagem já o sou — se eu tenho algo contra a coisa lingüística, seria por ela ainda não acatar de modo direto o suficiente meu próprio ideal de linguagem, e não por causa princípio.

Envio o caderno da *Neue Rundschau* com o ensaio sobre Benjamin à parte e também um pequeno trabalho sobre Kierkegaard<sup>12</sup> que talvez lhe interesse. No próximo número da *Neue Rundschau* sairá um trabalho grande e de muito peso que se concentra em Huxley, mas na realidade trata-se principalmente do problema da utopia (“O sonho desencantado”<sup>13</sup>); na edição comemorativa um dossiê “Crítica de cultura e sociedade” para Leopold von Wiese<sup>14</sup>, que ilustrou algo como uma auto-reflexão sobre o crítico de cultura. Ambos vêm ainda da famosa gaveta do exílio; ainda não encontrei tempo aqui, desde o texto sobre Benjamin, para escrever algo próprio, com exceção de uma coisa pequena sobre Bach<sup>15</sup>; o trabalho no Instituto em conjunto com a atividade na Universidade (que demanda muito tempo e responsabilidade, sobretudo durante os agora muito extensos trabalhos de doutorado) torna isso completamente impossível. Mas depois do período de produção bastante turbulento no ano passado em Los Angeles, estou menos aborrecido com este intervalo do que com a recente experiência européia.

[10] Isso ocorreu em uma carta não disponível, à qual Ernst Bloch responde, provavelmente na primeira metade de dezembro de 1934: “Ademais, aí está a doutrina da ‘opinião’ e agregada a ela a culpa pela facilidade não-dialética [...]. Temo porém, que sua estranha ‘teoria da opinião’ [...] é uma teoria pessoal e concerne menos ao método filosófico que ao psicológico. Para que serve o ‘dogma, já que sempre geraria o contrário à opinião antecipada?’” (ver Bloch, *Briefe* 2, p. 426).

[11] Lukács, Georg. *Die Theorie des Romans*. Berlin: Paul Cassirer, 1920.

[12] O primeiro suplemento, “Kierkegaards Lehre von der Liebe”, in *Zeitschrift für Religion- und Geistesgeschichte*, 1951, Caderno 1; na coleção de Kracauer encontra-se uma cópia da versão inglesa, “On Kierkegaard’s Doctrine of Love, Reprint from *Studies in Philosophy and Social Science*”, ISR Nova York, 1940 (*Zeitschrift für Sozialforschung*, 1939/1940, Caderno 3; ver Adorno, *GS* 2, pp. 217-36, 265).

[13] Sob o mesmo nome dado na carta, in *Die Neue Rundschau*, 1952, Caderno 2, pp. 74-96, a saber, “Aldous Huxley und die Utopie” (ver Adorno, *GS* 10-1, pp. 97-122).

[14] No 75º aniversário do sociólogo (1876-1969) apareceu o “Soziologische Forschung in unserer Zeit”, organizado por Karl Gustav Specht. Colônia/Opladen: Westdeutscher, 1951. “Kulturkritik und Gesellschaft” (ver Adorno, *GS* 10-1, pp. 11-30) tornou-se em 1955 o subtítulo de “Prismen”. Uma cópia no espólio de Kracauer traz um comentário à mão de um estranho: “Indicado pelo professor Adorno” (Deutsches Literaturarchiv Marbach).

[15] “Bach gegen seine Liebhaber verteidigt”, in *Mercur*, 1951, Caderno 6, junho (ver Adorno, *GS* 10-1, pp. 138-51).

Escreva um pouco mais sobre as suas coisas. Como vai o livro sobre filmes? Haverá também uma versão alemã? Eu não consigo abandonar a superstição de que nós só podemos falar das coisas cruciais na nossa própria língua, e imagino estar de algum modo certo quanto a essa opinião, já que posso interpretá-la como algo tão difícil quanto a teoria das uvas azedas. Max acabou não sendo operado; sua pedra no rim libertou-se com complacência e já está tudo em ordem com ele de novo, fora seu sobretrabalho desmedido, sobretudo por causa do decanato durante os dois últimos semestres.

[16] Adorno escreve "Lily".

Mande logo notícias e receba com Lili<sup>16</sup> as melhores lembranças, também em nome de Gretel.

Seu velho

Teddie